

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

As acusações da CUT, FETARN e SAR contra as eólicas na Serra do Mel não se sustentam

AÉCIO CÂNDIDO

professor da UERN, aposentado.
Autor da obra Tempos do verbo

aeciocandidocuite@gmail.com



A exploração de energia eólica na Serra do Mel existe há mais de 10 anos. Começou pela Vila Amazonas e se estendeu para outras vilas. Em todo esse tempo, a relação entre a Voltália, empresa de energia, e os colonos/agricultores era de satisfação entre as partes. A renda dos colonos, sobretudo nas vilas onde as associações negociaram os contratos de locação das terras, se elevou substancialmente, permitindo criar, de modo sustentável, uma classe média rural. Cada colono dessas vilas tem hoje, entre outros componentes de sua renda mensal, quase dois salários mínimos advindos da energia gerada, além da renda anual indenizatória proveniente da locação do espaço ocupado pelas torres e estradas.

É esse sistema que está sendo questionado pela CUT, pela FETARN e pelo SAR, em processo movido na Justiça, pretensamente em nome dos colonos da Serra do Mel. Leva-se aos tribunais um conflito artificial, criado sem a preexistência de uma relação deteriorada que o justifique. Realidades paralelas podem, infelizmente, ser criadas: basta apenas a ousadia de teses esdrúxulas e o investimento político de convencimento.

Até bem pouco tempo, a energia eólica era vista como energia limpa, uma alternativa importante na diversificação da matriz energética. Agora, para alguns

grupos ligados aos movimentos sociais, não é mais.

Os questionamentos à sustentabilidade ambiental da energia eólica são, no processo movido, muito concretos. Podem, portanto, ser facilmente avaliados. E uma avaliação objetiva mostra que não fazem sentido. São afirmações falsas, inconsistentes, delirantes. Mas muita gente da esquerda, no caso presente, parece não querer saber se as acusações são verdadeiras ou falsas. Lamentável: para a esquerda, historicamente vítima de acusações falsas e de meias verdades, o apelo pela verdade deveria ser um valor mais firme – não se troca a verdade por conveniência política.

A justiça depende da verdade, e a verdade depende de fatos. Crença sem a correspondência dos fatos é ideologia, uma das perversões mais desastrosas da política. E faltam fatos nas acusações da CUT.

Condenamos a direita, com justa razão, por agir ideologicamente, sem nenhuma consideração pelos fatos. Quem tem a cabeça no lugar sabe que não houve distribuição de mamadeiras de piroca nas escolas nem está em curso uma doutrinação de troca de gêneros. Mas, para os bolsonaristas, houve e está, e desses fatos inexistentes eles tiram conclusões perturbadoras.

O sectarismo político, tanto quanto o religioso, se institui pe-



lo desprezo aos fatos. Sem a âncora dos fatos, elimina-se o diálogo, e sem este morre a política. Os políticos do PT, que aderiram às teses em questão, perderão capital político, dentro e fora do PT. São teses sem fatos, declarações puramente ideológicas.

Crispiniano Neto, jornalista e morador há 40 anos da Vila Amazonas, Serra do Mel, deu-se ao trabalho de ler o processo e de, junto com um grupo representativo de colonos, responder objetivamente a cada uma das teses acusatórias. Tem falado às pedras. É como se ninguém quisesse saber da verdade.

Uma das “fortes” acusações no processo é a existência de uma doença chamada “síndrome da torre eólica”. Essa doença se caracterizaria por um conjunto de sintomas incômodos, como dor de cabeça e enjoos constantes.

Parece um argumento contundente, mas não é: a tal doença simplesmente não existe. Não se encontra registro dela nem no hospital da Serra do Mel nem em hospitais das cidades vizinhas, como Carnaubais e Areia Branca. A conclusão, na lógica mais comezinha, deveria se impor: se uma doença não se materializa, ela não existe; foi criada pela mente fértil e interessada de alguém.

O *Saiba Mais*, em Natal, e o *Boca da Noite*, em Mossoró, veículos de imprensa alinhados à esquerda, divulgaram reportagens em que a única fonte de dados foi o próprio processo, embora, aparentemente, ele não tenha sido lido. Não há nas matérias nenhuma referência ao contraditório, como se a questão gozasse de amplo e absoluto consenso. Os redatores pensaram

assim: se a CUT, a FETARN e o SAR estão dizendo que essa doença existe, então é verdade: ela existe. Este é um esquema lógico manjado, conhecido pelo nome de “argumento de autoridade”. Tomar a palavra de alguém como fonte única e absoluta da verdade é sucumbir a esse tipo de argumento. Ora, foi cavalcando argumentos de autoridade que o stalinismo sepultou a ideia de socialismo real, talvez para sempre. A boa informação não pode ter por base um informante único.

Durante pelo menos dois meses por ano, vivo a 300 metros de duas turbinas eólicas. Tenho, portanto, “lugar de fala” para meter a colher nesse angu: eu seria o paciente ideal para a “síndrome da torre eólica”. Sou chato para dormir, preciso de silêncio absoluto para conciliar o sono. Mas as torres a 300 metros não me perturbam, embora durma num quarto de primeiro andar, com telhado comum e sem forro. O barulho das turbinas e o impedimento do sono fazem parte do pacote da “síndrome da torre eólica”.

Também se acusa os “cataventos” de estarem exterminando pássaros e abelhas. Não percebo nada disso, apesar do esforço de observação. Neste mês de julho, como sempre, a presença de abelhas, à procura de água na área de serviço da casa ou de néctar nas flores da vegetação rasteira do quintal, não sofreu nenhuma diminuição. Fui picado algumas vezes por elas, ao trabalhar no quintal, e minha irmã quase diariamente tinha alguma história para contar a respeito da presença delas no tanque de lavar roupas. Quanto aos pássaros, mais de uma dezena de espécies anima a vida dos alpendres, do amanhecer ao final do dia.

“Fontes de energia renovável são o golpe do século”, sustenta Trump. E acrescenta: “As usinas eólicas vão **enlouquecer as baleias**”. Não é curioso que as declarações de Trump se assemelhem tanto às declarações da CUT?

Se condenamos as *fake news* alheias, por que admitimos a mentira como base de nossa argumentação?

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS: (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685